

## **ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS DA NATUREZA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

*Avany Alves dos Santos*

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB

*Adriana dos Santos Sales*

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB

*Priscila Brasileiro Silva do Nascimento*

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB

*Klayton Santana Porto*

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB

**Resumo:** Este relato apresenta o desenvolvimento do Estágio Curricular Obrigatório III, que foi realizado na VII etapa do tempo comunidade do curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Ciências da Natureza e Matemática/ UFRB. O estágio foi desenvolvido na associação dos Agricultores Familiares de Lagoa Suja e Adjacências e teve como objetivo dialogar com a comunidade sobre os princípios da agroecologia, resgatar e valorizar os conhecimentos tradicionais. O trabalho foi desenvolvido com os aportes metodológico da pesquisa-ação que permite educar, pesquisar e ao mesmo tempo se educar. Ao trabalhar com o tema agroecologia foi possível discutir sobre atividades agrícolas que contribuíram para a qualidade de vida dos sujeitos do campo, além de contribuir para o aprendizado dos discentes da educação do campo que na sua atuação terá que respeitar e levar em consideração o conhecimento popular que é a base para a agroecologia.

**Palavras chave:** Agroecologia. Educação do Campo. Formação Inicial de Professores.

### **1 Introdução**

Consta no regulamento de estágio do curso de Licenciatura em Educação do Campo com a Habilitação em Ciências da Natureza e Matemática da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB. O estágio Curricular Obrigatório III se configura nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo como uma ação que transpassa os tempos e espaços formativos. Na perspectiva da Pedagogia da Alternância que possibilita os estudantes a partir de discussões teóricos –metodológicos ser inseridos nos espaços de educação não formal com o objetivo de desenvolverem atividades que possibilitem a compreensão, análise e, posteriormente, intervenção nesses espaços. Sistematizando os aprendizados do tempo-universidade colocando em prática no tempo-comunidade.

A educação é uma construção que ocorre em diversos espaços e o conceito de educação apresenta campos distintos. Segundo Maria da Glória “a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados” (GOHN,2014, p.40). Já a educação não formal para Maria da Glória é entendida como uma educação “que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas” (GOHN,2014, p.40). A educação não formal pode ser realizada em espaços urbanos ou rurais.

Desta forma, o objetivo do relato é descrever o estágio obrigatório III que foi desenvolvido na associação rural, que através da observação e contato prévio discutiu o tema trabalhado que foi Agroecologia: cultive essa ideia. Com o objetivo de dialogar com a comunidade sobre os princípios da agroecologia, resgatar e valorizar os conhecimentos tradicionais, visando trabalhar práticas ecológicas viáveis.

Nesta perspectiva, levando em consideração a evolução das práticas agrícolas no Brasil, houveram pontos positivos e negativos: positivo porque há disponibilidade de equipamentos que facilitam o trabalho dos agricultores e negativo porque está se perdendo os princípios agroecológicos e os valores culturais. Para Gubur, Toná (2012), a agroecologia um conjunto de técnicas e saberes tradicionais dos indígenas e camponeses que valorizam a cultura e os princípios agroecológicos na relação do homem com a agricultura, no entanto vem sendo substituída pela tecnificação. Esses recursos não são acessíveis e viáveis aos pequenos agricultores pois nem todos podem ter acesso as tecnologias disponíveis no mercado que vão dos tratores guiados por GPS, até drones que monitoram o processo de colheita. Esses recursos apresentam valores elevados e são inviáveis a um pequeno agricultor que produz em meia tarefa de terra onde a plantação é em consócio para aproveitar o pouco espaço disponível, mas alguns agricultores utilizam tratores e adubos químicos para preparação do solo, sem ter o conhecimento de que o uso desses produtos é um dos causadores dos problemas ambientais.

Sendo assim, os princípios da agroecologia afirmam que para assegurar as condições de vida do solo que permitam a manutenção de sua fertilidade e o desenvolvimento saudável das plantas, por meio de práticas como: cobertura permanente do solo, adubação verde, proteção contra os ventos, práticas de conservação do solo (controle da erosão), rotação de culturas, consorciação de cultura. Dessa forma a educação do campo vem reafirmando e transformando a vida dos docentes do curso de licenciatura mostrando que se aprende e ensina

com o homem na prática cotidiana com seus saberes empíricos, mesmo nos espaços onde não existe escola, porque a prática social que o sujeito do campo tem é um princípio educativo, a qual inclui o trabalho e preocupação com as dimensões da formação dos sujeitos nos processos que relacionam à cultura e participação nas lutas sociais. Sendo assim a educação do campo está ligada de maneira direta com os princípios da agroecologia na busca de condições de vida do sujeito do campo.

Diante disso, surgiu a necessidade de dialogar com a comunidade sobre os princípios agroecológicos, resgatando os saberes que cada sujeito traz consigo articulando um diálogo entre os saberes tradicionais e científico. Segundo Tardin (2012, p. 182) os agricultores possuem “uma multiplicidade de conhecimentos e saberes relativos aos seus manejos e usos, e dos instrumentos de trabalho utilizados em cada situação”.

## 2 Metodologia

O processo metodológico utilizado para o desenvolvimento do estágio foi qualitativa, onde foi possível analisar percepções, sentimentos e intenções que não podem ser apresentados em dados estatístico. Para Godoy (1995, p. 62) a pesquisa qualitativa “Rejeita a expressão quantitativa, numérica, os dados coletados aparecem sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, fotografias videoteipes, desenhos e vários tipos de documento”. Recorreu-se também a pesquisa-ação, que possibilitou desenvolver um diagnóstico, identificar os problemas e pensar coletivamente as possíveis intervenções para a problemática apresentada. Segundo Gori:

Fazendo pesquisa-ação o pesquisador educa e está ao mesmo tempo se educando. E voltando a área para colocar em prática os resultados da pesquisa, ele está, além de educando e sendo educado, pesquisando outra vez, em um permanente dinâmico movimento de pesquisar e educar. (GORI 2006, p. 116)

As atividades foram realizadas através de oficinas temáticas que permitiram a construção coletiva do conhecimento, baseado na perspectiva freiriana, onde diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2015, p. 24).

O processo metodológico utilizado para o desenvolvimento do estágio foi qualitativa, onde foi possível analisar percepções, sentimentos e intenções que não podem ser

apresentados em dados estatístico. Para Godoy (1995, p. 62) a pesquisa qualitativa “Rejeita a expressão quantitativa, numérica, os dados coletados aparecem sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, fotografias videoteipes, desenhos e vários tipos de documento”. Recorreu-se também a pesquisa-ação, que possibilitou desenvolver um diagnóstico, identificar os problemas e pensar coletivamente as possíveis intervenções para a problemática apresentada. Segundo Gori:

Fazendo pesquisa-ação o pesquisador educa e está ao mesmo tempo se educando. E voltando a área para colocar em prática os resultados da pesquisa, ele está, além de educando e sendo educado, pesquisando outra vez, em um permanente dinâmico movimento de pesquisar e educar. (GORI 2006, p. 116)

As atividades foram realizadas através de oficinas temáticas que permitiram a construção coletiva do conhecimento, baseado na perspectiva freiriana, onde diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2015, p. 24).

O estágio foi desenvolvido na Associação Comunitária dos Agricultores Familiares da comunidade de Lagoa Suja e Adjacências. Para iniciar as atividades no dia 03 de dezembro houve um encontro com a presidente para discutir sobre o tema a ser trabalhado e no dia 08 de janeiro ocorreu uma reunião na associação, nesse momento foi entregue convites para os associados participarem das oficinas. Para trabalhar numa associação onde alguns participantes não possuem habilidade de ler e escrever, optou-se por atividades orais e desenhos para que fosse permitido a participação de todos. As oficinas aconteceram nos dias 16/23/30 de fevereiro de 2019 às 14:hs na casa do presidente do sindicato, porque a associação ainda não possui sede própria, contou com 20 agricultores da comunidade. Nas oficinas foi trabalhado os temas “Agroecologia: Histórico da Agricultura”, “Agroecologia e seus princípios” e “Agroecologia cultivando o solo”. Na primeira oficina foi discutido o histórico da agricultura, onde houve uma roda de conversa e o trabalho em grupo, que iniciou a confecção da colcha de retalhos. No segundo dia foi trabalhado a formação do solo e os princípios da agroecologia, onde novamente houve um momento de discussão em seguida a construção da colcha. No terceiro dia a professora Isabel da UFRB trabalhou com o tema práticas agroecológicas para cultivo do solo e auxiliou na confecção da compostagem.

### 3 Resultados e discussões

O Estágio Curricular Obrigatório III, teve início com o planejamento em sala de aula no tempo universidade, em que discutiu-se textos para debater sobre o estágio em espaços não formais, que apesar de ser chamado de espaço não formal de educação eles produzem muito conhecimento, fortalecendo a autonomia do seu público. Para atender a demanda da associação, o estágio foi desenvolvido através de oficinas porque é uma metodologia que possibilita a formação coletiva com a troca de experiências entre os participantes.

Nesta perspectiva, trabalhar com o tema agroecologia, é levar conteúdo novo e ao mesmo tempo aprender antigas práticas agroecológicas trazidas pelos participantes, que apesar de não terem o conhecimento acadêmico possuem saberes que ao se unir com o conhecimento científico possibilita criar novas alternativas apropriada para que o agricultor possa ter uma boa produção, além de cuidar do meio ambiente e discutir sobre assuntos relevante a sua vida em comunidade porque agroecologia vai muito além de produção orgânica, pois juntamente com os movimentos sociais estão sendo desenvolvidas atividades educativas que contribuem para o fortalecimento da agricultura familiar e a qualidade de vida dos sujeitos do campo.

As oficinas sobre agroecologia foram desenvolvidas nos dias 16/23/30 de fevereiro de 2019 às 14:hs. No primeiro dia discutiu-se o tema Agroecologia: Histórico da Agricultura, para acolher os participantes cantaram cantigas de roda, elas cantaram a música “morava na areia”. Esse momento foi importante pelo de que agroecologia também aborda aspectos culturais da população do campo. Em seguida iniciou um debate sobre o histórico da agricultura, foi perguntado se a modernização da agricultura foi um processo positivo para o camponês, alguns relataram que foi bom, porque era muito trabalho (Figura 1).



Figura 1. Debate. SANTOS, 2019



Figura 2. Trabalho em grupo. SANTOS, 2019

Com essas falas percebe-se o quanto a facilidade na agricultura agrada as pessoas de forma que se esquece da qualidade da produção e da sua extrema dependência da natureza e o quanto alguns equipamentos e produtos que facilitam o trabalho afetam negativamente a produção e o solo. **A participante 1** relatou que “tem um rapaz na comunidade que só capina a terra e a sua produção é diversificada e de qualidade. Com isso, constata-se que ao cuidar corretamente do solo é possível uma produção diversificada e de qualidade. Já a **Participante 2** afirmou que “não tem vantagem porque até a relação da família foi afetada, a fartura de alimento está pouca, a população se acomodou com a facilidade, até a convivência com os vizinhos foi modificada”. Portanto percebe-se que as mudanças da agricultura não afetaram apenas na produção de alimento, mas também na vida social, pois acabaram com as trocas de dias onde os vizinhos trabalhavam um dia na casa de um e depois para casa do outro vizinho e assim sucessivamente.

As batatas de feijão também não ocorrem por conta de vários fatores, a produção que diminuiu e do individualismo que está muito presente. A bata de feijão era um momento de trabalho, mas eles também se divertiam cantando cantigas, conversavam e divertia as crianças também porque as palhas do feijão eram usadas para brincar. Foi discutido também sobre o agronegócio que visa apenas o lucro sem pensar na qualidade da produção. Para finalizar a oficina as mulheres iniciaram a confecção da colcha, em que deveriam expressar o que elas conseguiram entender em forma de desenho. Esse trabalho foi uma surpresa pois muitas relataram que fazia tempo que não pegavam no lápis. Ao terminar os desenhos cada grupo apresentou e fez a avaliação da oficina. Falaram que gostaram muito e que é muito importante se apropriar de novos conhecimentos e ver que são moradoras da comunidade que estão levando para a comunidade esse momento de formação.

Na segunda oficina foram trabalhados os princípios da agroecologia e para iniciar fizemos uma discussão sobre a formação do solo, onde foi construído uma maquete que demonstra como o solo foi sendo desenvolvido (Figura 3). A maquete mostra cada camada do solo e permitiu refletir sobre a camada do solo que utilizamos para plantio e o quanto estamos destruindo esse solo (Figura 4).



Em seguida falamos sobre os princípios da agroecologia, e foi abordado sobre o princípio da vida, onde a natureza é o

local que todas as formas de vida se reproduzem. Por isso, é preciso respeitar toda forma de vida seus ciclos e sempre ter uma visão sistêmica da realidade porque se não olharmos a natureza e compreender como cada componente se relaciona, será difícil encontrar o equilíbrio necessário para determinados problemas. Como por exemplo, ao observarmos uma lagarta e não compreendermos sua relação com a natureza será difícil encontrar solução para que ela deixe de afetar a plantação.



Discutimos também sobre a preocupação da agroecologia com a educação e emancipação dos sujeitos do campo e com isso começaram a discutir sobre a comodidade da população que deixam de plantar frutas nas suas casas para comprar no mercado frutas que até no seu quintal é presente, mas não querem nem pegar para fazer um suco, optam também pelo refrigerante. Citaram também sobre as castanhas que muitos não aguentavam ver uma castanha no chão e já corriam para pegar, eles assavam e comercializavam. Relataram outras pessoas que utilizam práticas simples que possibilitam uma produção orgânica e diversificada, com isso elas se perguntaram porque colocam a culpa no sol, mas a **participante 3** falou que ‘não é desinteresse, é conhecimento e como falou da manipueira é falta de conhecimento que não vamos buscar’. Nota-se que agroecologia não é apenas práticas orgânicas, mas é um campo que possibilita discutir também a economia local. Em seguida iniciamos o trabalho em grupo que foi a continuação da construção da colcha de retalhos.

Através do desenho os participantes expressaram o que compreenderam da oficina e para finalizar apresentaram o desenho para o grupo e avaliaram a atividade que foi desenvolvida (Figura 5). Na apresentação elas desenharam além de árvores e flores, também pessoas o que representa que a agroecologia leva em consideração a relação do homem com a natureza, além de desenhos que



Figura 6. Apresentação dos trabalhos.  
SANTOS, 2019

mostram área de lazer muito antiga do local, pois o bem estar dos sujeitos do campo também é importante para agroecologia (Figura 6).



Figura 5. Apresentação dos trabalhos. SANTOS, 2019

Na terceira oficina esteve presente a docente da UFRB Isabel Santos, que trabalhou com o tema agroecologia cultivando o solo. Para iniciar a oficina,

como foi solicitado pelas mulheres, foi levado o samba de roda, pois é uma cultura que está sendo esquecida. Isabel iniciou a oficina refletindo sobre a natureza a importância do solo e como as pessoas afetam todo o ecossistema do planeta com pequenas práticas erradas, como as queimadas (Figura 7). Em seguida começou a explicar a parte teórica da compostagem, ressaltando a importância de cada produto que foi usado para fazer a compostagem, as folhas, cascas de frutas, esterco de animais entre outros, logo após deu início a construção da mesma (Figura 8).



Figura 7. Debate sobre a compostagem. SANTOS, 2019



Figura 8. Construção da compostagem. SANTOS, 2019

As mulheres levaram as cascas de frutas, borra de café, casca de ovo e muitas outras matérias e ajudaram também na hora da confecção. Nessa construção foi possível aprender como se faz um adubo simples sem custo e acessível a todos. Algumas já tinham conhecimento desta prática, porém nunca a executaram, mas através desta oficina algumas demonstraram interesse em começar a fazer a compostagem em casa. Com isso, foi finalizado as oficinas do Estágio Curricular Obrigatório III.

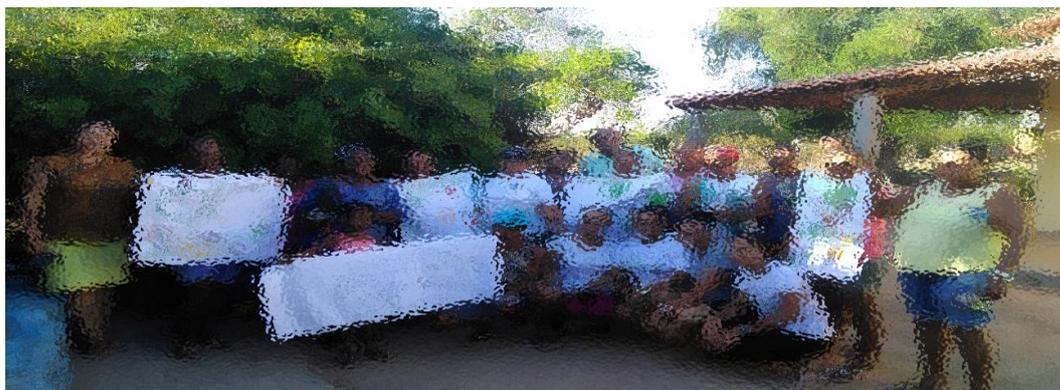


Figura 9. Finalização do estágio. SANTOS, 2019

#### 4 Considerações finais

Trabalhar com o tema Agroecologia é de fundamental importância para a formação de futuros professores que poderão atuar em espaços não formais, porque ao se falar de agroecologia não é apenas trabalhar com práticas orgânicas, mas também discutir aspectos culturais, sociais, éticos e políticos. Apesar da educação em espaços não formais não ser valorizada, os movimentos sociais vêm se mobilizando e levando para essas locais formações que contribuirão para o desenvolvimento do campo que não abrange apenas a área econômica.

A Licenciatura em Educação do Campo é fruto da luta dos movimentos sociais que se mobilizaram e ainda lutam pelo acesso à educação igualitária para que os sujeitos do campo também tenham acesso ao conhecimento e se tornem sujeitos emancipados e livres da dominação que o capitalismo impõe na sociedade. Essa experiência apenas reafirmou que os agricultores são sujeitos que trazem consigo uma vasta bagagem de conhecimento que está sendo ocultada e dando espaço para práticas que não valorizam seus saberes. Portanto é nítido que a Educação do Campo e a agroecologia almejam práticas que visam a formação dos sujeitos do campo lhe dando novas possibilidades para seu crescimento e bem estar no campo.

## Referências

GODOY, Arilda Schmid. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** Disponível em: [bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/era/article/view/38183/36927](http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/era/article/view/38183/36927). Acesso em: 13/13/2018

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal na Pedagogia Social*, mar. 2006

GOHN, Maria da Glória. *Educação Não Formal Aprendizagens e Saberes em Processo Participativo. Investigar em Educação*. p. 40, 2004.

GUBUR, Michele Periotto; TONÁ Nilciney. **Agroecologia.** In CALDART, Roseli Salette, PEREIRA Isabel Brasil, ALENTEJANO Paulo, FRIGOTTO Gaudêncio (Org.) *Dicionário da Educação do Campo*, Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GORI, Renata Machado de Assis. **Observação participativa e pesquisa-ação: aplicações na pesquisa e no contexto educacional.** Disponível em: <file:///C:/Users/Comum/Downloads/ObservaoParticipativa-Itinerarius2006.pdf>. Acesso em: 25/02/2019

A Cartilha agroecológica / Instituto Giramundo. Botucatu, SP: Editora Criação Ltda, 2005.

### SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S):

#### **Avany Alves dos Santos**

Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitações Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. E-mail: [avanyalves@gmail.com](mailto:avanyalves@gmail.com)

#### **Adriana dos Santos Sales**

Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitações Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. E-mail: [salesadriana323@gmail.com](mailto:salesadriana323@gmail.com)

#### **Priscila Brasileiro Silva do Nascimento**

Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Docente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitações Ciências da Natureza e Matemática da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: [pitibrasileiro@gmail.com](mailto:pitibrasileiro@gmail.com)

#### **Klayton Santana Porto**

Doutor e mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia. Docente e orientador do Programa Residência Pedagógica do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitações Ciências da Natureza e Matemática da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: [klaytonledoc@gmail.com](mailto:klaytonledoc@gmail.com)